

# O ASSALTO

José Vicente de Paula

## PERSONAGENS:

VÍTOR  
VARREDOR

## CENÁRIO:

Parte de uma sala do banco. Está desarrumada e suja, porque o expediente se encerrou há algum tempo, os funcionários foram-se embora, veio o rapaz da limpeza, o Varredor, e botou as cadeiras (giratórias) em cima das mesas, os caixotes de lixo e o resto.

Os elementos imprescindíveis são: um pequeno despertador, que fica funcionando o tempo todo; uma dessas cadeiras de escritório gasta, enorme, que deve encerrar a eloquência de um trono.

O complemento desse banco é a mesa de escritório, fria, mas grande, que vai, no final, desempenhar o ofício mórbido de câmara mortuária.

O cenário pode ser o mais simples possível, isto é, ainda que exuberante, sempre dentro dum tom mais "expressionista" e menos comprometido com a "realidade".

## PRIMEIRO ASSALTO

*Toque prolongado de sirene. O Varredor está acabando de varrer a primeira parte da sala do banco, tranqüilamente, como de costume, bem à vontade também pelo fato de estar sozinho. Coça as pernas e o corpo inteiro (por causa das pulgas), tira os tamancos, depois senta-se à mesa, limpa os pés, torna a calçar os tamancos, mexe numa máquina de escrever. Abre a gaveta da mesa – a gaveta central – e, quando vai fuçar nas coisas, a porta se abre de repente e entra Vítor com uma pilha de papéis nos braços. O Varredor empurra abruptamente a gaveta, pegando o espanador e fingindo que está só limpando os móveis. Vítor se dirige à mesa, espalhafatosamente, despeja os papéis em cima dela, suspirando de cansaço. Tira tranqüilamente as cadeiras e os demais objetos que estavam em cima da mesa. Vai à porta, abre-a, olha para fora e depois tranca a porta à chave. O Varredor naturalmente não percebeu esse jogo. Silêncio ainda. Vítor acende um cigarro, senta-se na cadeira como se estivesse sentado num trono, roda sobre ela, pingando colírio no olho, de forma que os pingos lhe escorram pela cara toda. Depois começa a jogar cinzas do cigarro no lugar que o Varredor já tinha dado como limpo. O Varredor vai ficando*

*cada vez menos à vontade e Vítor joga também o cigarro no chão, e pisa em cima. Esse joguinho desagradável possui variantes e pode se prolongar à vontade. Até que o Varredor resolve quebrar, por questão de necessidade imediata, esse silêncio perturbador.*

### VARREDOR

O senhor ainda vai ficar aí muito tempo?

### VÍTOR

Eu estou te perturbando o serviço?

### VARREDOR

É que eu costume arrumar a sala aqui nessa hora, depois que o pessoal vai embora.

### VÍTOR

Eu sei. Assim vocês podem ficar à vontade. (Pausa) Sabe, isso é muito bom pro banco. Amanhã o pessoal chega aqui de manhã e encontra tudo limpinho, não é mesmo?

### VARREDOR

Pois é.

### VÍTOR

Como é, e as privadas, você já limpou as privadas?

### VARREDOR

Deixo pro fim, depois que eu arrumo a sala aqui.

### VÍTOR

Limpar as privadas é muito importante, senão

Ninguém agüenta trabalhar por causa do cheiro. (Vítor, no trono, ausente, embolota papéis e joga no chão. O Varredor observa. Vítor bota os pés em cima da mesa.) É ótimo banco! O chefe faz questão principalmente da limpeza, que é pra dar boa impressão pros clientes. O lema do banco é o mesmo da bandeira brasileira! Ordem e progresso. O chefe sempre diz que "sem ordem não há progresso". Daí a tua importância.

**VARREDOR**  
 Acho que é melhor eu voltar daqui a pouco.

**VÍTOR**  
 Por quê?

**VARREDOR**  
 Assim um não atrapalha o outro.

**VÍTOR**  
 Quer dizer que eu estou te atrapalhando.

**VARREDOR**  
 Não é isso.

**VÍTOR**  
 Em geral o pessoal do banco limpa a área logo no começo da noite pra deixar vocês da limpeza à vontade, mas é que hoje deu galho no balancete e eu fiquei fazendo hora extra.

**VARREDOR**  
 Que hora que o senhor vai acabar o serviço?

**VÍTOR**  
 Você tá com muita pressa?

**VARREDOR**  
 Tenho que deixar a sala bem arrumada pra amanhã, senão...

**VÍTOR**  
 Senão o quê?

**VARREDOR**  
 Sabe como é, arrumo problema com a limpeza.

**VÍTOR**  
 Quanto tempo você gasta pra deixar esse lixo em ordem?

**VARREDOR**  
 Uma hora mais ou menos. Depende.

**VÍTOR**  
 Eu saio então. Vou pra outro lugar, depois volto. Assim eu não te atrapalho. Vou até a sala, engulo um americano, compro cigarro, fumo uma cerinha e volto.

**VARREDOR**  
 Sabe como é, mas é que senão arrumo problema aí com a limpeza.

**VÍTOR**  
 Claro! (Silêncio. Vítor continua tranqüilamente sentado na cadeira. Observa com falso interesse os papéis na mesa, começa a separar, passando de um lado para outro, com falso cuidado, coloca algum de vez em quando contra a luz e observa, como um analista. Depois embolota um outro e joga-o ao chão, propositadamente. Irritado, despeja um cinzeiro no chão, com nojo.) Sabe, não tolero cheiro de cigarro fumado. Me intoxica.

**VARREDOR**  
 (Indiferente) É. (Pausa)

**VÍTOR**  
 Sabe o que são esses papéis?

**VARREDOR**  
 (Sem interesse) Não sei.

**VÍTOR**  
 (Com falso entusiasmo) São diários. Isso aqui se chama diário. É um tipo de documento muito importante. É importantíssimo um diário! Sem esses papéis aqui, o banco não existe. Você nem pode imaginar. A base do diário é a mesma base da contabilidade, tá vendô aqui? Débito-crédito: é exato, nem mais nem menos. Às custas dum papelzinho deste a gente pode inclusive ir pro olho da rua. Imagina, só pra você ter uma idéia, que hoje eu fiquei preso aqui por causa de cinco centavos a menos. Cinco centavos de diferença que, se eu não localizar, o banco não vai dormir! E eu, inclusive, claro!

**VARREDOR**  
 O senhor disse que ia sair...

**VÍTOR**  
 Por que você me chama de senhor? Senhor é etrusco! Pode me chamar de você. Por falar nisso, qual a tua idade? Você não se incomoda de falar em idade, incomoda? (O Varredor coça o corpo, desesperadamente, pela falta de interesse.) Alergia?

**VARREDOR**  
 São as pulgas.

**VÍTOR**  
 É uma loucura como tem pulgas nesse banco! Tenho horror de pulgas. Você não usa Neocid no corpo?

**VARREDOR**  
 Não.

**VÍTOR**  
 (Torna a pingar colírio no olho.) O único preparado que eu utilizo é colírio. Uso litros

de colírio por ano. Litros! Tenho a impressão de que estou ficando cego. Isso é por causa da luz. Ou falta de luz, sei lá. São os ossos do ofício.

**VARREDOR**  
É.

**VÍTOR**  
Eu te dou trinta anos.

**VARREDOR**  
Trinta e três.

**VÍTOR**  
É a idade de Jesus Cristo, sabia?

**VARREDOR**  
Tenho três filhos.

**VÍTOR**  
O teu nome, se não me engano, é Hugo, acertei?

**VARREDOR**  
Hugo. O senhor me conhece de algum lugar?

**VÍTOR**  
Daqui do banco, ora! A gente não trabalha junto há muito tempo?

**VARREDOR**  
É, isso é.

**VÍTOR**  
Quanto é que vocês ganham por mês?

**VARREDOR**  
Meio salário.

**VÍTOR**  
Só meio salário?!

**VARREDOR**  
Mas eu quebro o galho de dia por fora.

**VÍTOR**  
Caramba, porque senão não dá!

**VARREDOR**  
Eu faço outros bancos.

**VÍTOR**  
É só o que você sabe fazer? Limpar banco, limpar sala de banco, limpar privada de banco?

**VARREDOR**  
Tenho vontade de aprender "datilogra".

**VÍTOR**  
Que é isso, "datilogra"?

**VARREDOR**  
Máquina.

**VÍTOR**  
Datilografia.

**VARREDOR**  
Não sobra tempo, mas eu vou ver se começo, quando sobrar um dinheiro.

**VÍTOR**  
Eu estou intrigado com uma coisa. Eu já te falo: com essa vida que você tem, de trabalhar de dia e trabalhar de noite, que hora que sobra pra você trepar? (*Varredor ri meio descontraído.*) Porque a gente tem de pensar nessas coisas, é ou não é?

**VARREDOR**  
Me viro.

**VÍTOR**  
Poxa, porque você trabalha praticamente três quartos da tua vida, do jeito que vai indo, limpando banco. Sem contar as horas de dormir.

**VARREDOR**  
Mais ou menos.

**VÍTOR**  
Faz as contas.

**VARREDOR**  
(*Impaciente*) Já estou atrasado.

**VÍTOR**  
Quer ver só? Que hora que você levanta?

**VARREDOR**  
Seis.

**VÍTOR**  
Eu não digo trepar só. Eu falo viver, no sentido genérico: vagabundear, com o que a gente gosta, me entende?

**VARREDOR**  
Claro.

**VÍTOR**  
Pois é, seis horas. Daí você trabalha até que horas?

**VARREDOR**  
Meio-dia, uma hora, depende.

**VÍTOR**  
E almoça em casa?

**VARREDOR**  
Porra, o senhor está me atrasando.

**VÍTOR**  
(*Aponta o Varredor com o dedo.*) Me chama de você.

**VARREDOR**  
É que eu vou arrumar problema com a limpeza.

**VÍTOR**  
Sem afobamento.

**VARREDOR**  
O chefe não dá moleza.

**VÍTOR**  
Quem tem chefe é índio!

**VARREDOR**

Se eu atraso, descontam no pagamento. Não é brincadeira.

**VÍTOR**

*(Pausa)* Você volta pra almoçar na tua casa?

**JARREDOR**

*(Aflito)* Saio com marmita.

**VÍTOR**

*(Tranquilo)* Aqui de noite o que é que vocês comem?

**JARREDOR**

O resto do lanche aí de vocês, que sobra em cima das mesas.

**VÍTOR**

Com aquele café com leite hediondo?

**JARREDOR**

É frio.

**VÍTOR**

Dá câncer, sabia? Um amigo meu morreu com uma inflamação desse tamanho aqui no estômago.

**VARREDOR**

É melhor que nada. *(Pausa)*

**VÍTOR**

Sabe que eu te vejo aí na porta do banco, de tarde, todo dia? Aí pelas sete horas.

**VARREDOR**

É a hora que eu entro.

**VÍTOR**

É a hora que eu saio. Você fica encostado na parede, na fila, junto com os outros da limpeza, esperando o elevador acabar de limpezar os funcionários do banco.

**JARREDOR**

A gente tem de esperar vocês se mandar primeiro.

**VÍTOR**

Você tem uma japonsa azul de lã, não tem? *(Pausa)* Parece que é a única que você tem.

**VARREDOR**

*(Aflito, procurando as horas no despertador)* Que hora é agora?

**VÍTOR**

Estou te atrasando, eu sei.

**VARREDOR**

Sabe como é, se não fosse o chefe da limpeza...

**VÍTOR**

É o italiano, é? Aquele vermelhão que fica gritando o tempo inteiro?

**VARREDOR**

Não é sopa!

**VÍTOR**

Meu chefe também não desgruda um minuto! Claro que, se ele estivesse aqui, eu não ia estar à vontade com você, como estou agora, conversando, com o serviço aí parado e esta gravata frouxa desse jeito. Manda ver e não quer nem saber.

**VARREDOR**

Eu acho que o melhor é eu voltar depois.

**VÍTOR**

Depois que hora?

**VARREDOR**

Depois que o senhor acabar.

**VÍTOR**

*(Oferecendo o maço)* Fuma um cigarro.

**VARREDOR**

Não posso.

**VÍTOR**

Você não fuma?

**VARREDOR**

Durante o expediente é proibido.

**VÍTOR**

Quem te proíbe?

**VARREDOR**

A companhia.

**VÍTOR**

Que companhia?

**VARREDOR**

A companhia de limpeza.

**VÍTOR**

Eu pensava que você trabalhava diretamente pro banco.

**VARREDOR**

Trabalhamos pra companhia.

**VÍTOR**

E a companhia proíbe vocês de fumar?

**VARREDOR**

É, é meio chato.

**VÍTOR**

*(Pausa)* Mas você fuma assim mesmo, não fuma não?

**VARREDOR**

Também nem sobra tempo, tem tanta coisa pra fazer. O problema é acabar depressa pra se picar mais cedo.

**VÍTOR**

*(Insistindo com o maço)* Um só, não vai te atrasar nada.

**VARREDOR**

*(Tenta ser amável)* É que hoje, ainda por cima, já entrei atrasado quinze minutos. O chefe me olhou diferente.

**VÍTOR**

Poxa, mas um cigarro só! Depois eu vou sair, você fica à vontade. *(O Varredor coça a cabeça, nervoso.)* Ninguém vai te pegar fumando. Numa hora dessas eles estão engolindo poeira aí em cima, nos outros andares.

**VARREDOR**

Se me pegam nesse papo, porra!, sem fazer nada, me quebram no meio!

*(O Varredor pega o cigarro de mau humor e Vítor, enquanto acende:)*

**VÍTOR**

Meu número é 5.923.800. Você pode imaginar quanta gente vem atrás e quantos vão na minha frente. Meu serviço é fácil. Eu fico o tempo inteiro controlando a entrada diária desses papéis. Débito-crédito: nem um número a mais, nem um número a menos. Sou um especialista em números. Se falta um e sobra um, tenho de começar tudo de novo, desde o começo. Três anos fazendo balanço deixa o teu olho aguçado em cima das coisas, como um cérebro de controle. Um zero à esquerda você consegue agarrar com o dedo, e... Pum! Pum! Derrubar em cima do papel! Três anos num banco é o tempo de uma juventude. Você abre os olhos e... puf! O tempo engoliu tua cara. Que idade você me dá?

**VARREDOR**

*(Desinteressado)* Vinte e poucos.

**VÍTOR**

Vinte e quanto?

**VARREDOR**

Vinte e... vinte e cinco?

**VÍTOR**

Em cima! Em geral me dão vinte e oito, trinta. Teve um cara que me deu trinta e dois. Me senti sem ar.

*(O Varredor apaga o cigarro, abruptamente, guardando o resto no bolso do macacão.)*

**VÍTOR**

Apagou o cigarro por quê?

**VARREDOR**

O senhor desculpa, outro dia a gente bate um papo.

**VÍTOR**

Que é isso, você gosta tanto assim do banco?

**VARREDOR**

Porra, não é isso...

**VÍTOR**

Mas nem um cigarro! Será que um simples cigarro vai enguiçar essa máquina?

**VARREDOR**

O problema é que eu estou atrasado, porra!

**VÍTOR**

Sem essa, velho, fuma tranquilo. Esquece a limpeza por alguns minutos. Abstrai. Assim... ó! *(Vítor mexe com a mão no ar, como um feiticeiro.)* Pronto. Esqueceu.

**VARREDOR**

Eu sou casado, porra!

**VÍTOR**

E daí?

**VARREDOR**

Daí que...

**VÍTOR**

Daí o quê?

**VARREDOR**

Tenho três filhos pra tratar.

**VÍTOR**

E daí?

**VARREDOR**

*(Tenta ainda ser amável.)* Se o senhor me dá licença, eu varro correndo. Eu deixo a sala pronta num minuto e me arranco.

**VÍTOR**

Você disse que gasta uma hora mais ou menos, foi o que você disse. Pois é. Eu também não posso perder nem um minuto. E você está me obrigando a perder o meu tempo. Se eu não deixo em ordem esses papezinhos aí, sabe o que acontece comigo? Sabe o que o meu chefe faz comigo amanhã? Meu chefe é um cara assim, magrinho, baixinho, horroroso, tem a cara toda amarela, por causa do fígado. O cara se chama Maia. O pessoal do banco chama ele de seu Maia. É uma das coisas mais insuportáveis que eu já conheci em toda a minha vida. Eu já te dou a ficha do cara. Imagina uma coisa assim bem monstruosinha, vinda da merda, vinda da mais absoluta merda, suburbana, com cheiro de trem nas ventas, até hoje, com toda a abominável consciência dessa merda, que gastou toda a carga do seu esperma pra se promover, produzindo, badalando,

produzindo, produzindo, puxando o saco de tudo quanto foi gente importante, até que no fim, de repente, sentiu que podia falar “não” quando quisesse e “não” quando não quisesse. Imagina essa coisa nervosa, gagá e horripilante, imagina uma coisa dessas que ainda por cima aguçou a inteligência. Imagina essa aberração da contabilidade te comandando o dia inteiro, te olhando de todos os lados, disposto a te flagrar na primeira oportunidade. Imagina essa coisa dormindo com você, toda a noite, lá bem dentro do teu sono, como um relógio funcionando certinho, dentro do teu copo de cerveja, dentro da tela do cinema, dentro do livro que você gosta de ler. Você tem que chamar a coisa de CHEFE! Você tem que cumprimentar a coisa, que respeitar a coisa, que ser disponível pra coisa, porque você tem medo, lógico que tem medo, quem é que não tem? Aparentemente estamos só nós dois aqui, mas o seu Maia também está. Você não vê nem eu vejo. Mas ele tá dentro de cada diário desses, dentro dessas cadeiras, dentro dos meus dedos e da minha cabeça. Se eu toco nessa mesa, eu não estou tocando na mesa propriamente dita, eu estou tocando no seu Maia. Amanhã de manhã ele se materializa aqui dentro, examina o serviço e, se não tá do jeito que ele resolveu que quis, sabe o que acontece? Ah! Tem outra coisa: você pensa que é fácil escapar do poder do seu Maia. Você pensa que é só pedir as contas, se despedir e cair fora. Mas a gente chega lá fora e o seu Maia continua. Ele está em toda parte, dentro e fora, como um Deus onisciente, onipresente, todo-poderoso. (*Gemidos, choro, ranger de dentes.*) (*Misterioso*) Sabe o que é isso? É o segundo subsolo, onde o banco tem um arquivo. Ficam lá os funcionários estropiados pela contabilidade. Tem pederastas, tem maníacos, exibicionistas, assassinos potenciais, cleptomaníacos, cérebros eletrônicos, autores de teatro fracassados, compositores, todos os neuróticos dessa guerra aqui. Tem uma secretária lá, de quarenta anos, que tem mania de “prima dona” do teatro de revista. Queria ser uma grande dama do rebolado. Agora tá lá, arquivando papéis, mostrando as pernas para os subordinados dela. A Marlene Dietrich da

rede bancária, com a boca pintada de coraçõzinho. Ai de quem não aplaudir as extravagâncias dela! Recebe cota dobrada de papéis para arquivar.

**VARREDOR**

(*Decididamente desinteressado*) Eu volto depois.

**VÍTOR**

Eu falei muito, desculpa, pelo amor de Deus! Foi o embalo. Me desculpa mesmo. Quando eu começo a falar, misturo tudo, não consigo parar mais. (*Rindo*) Essa do arquivo, por exemplo. De noite ninguém trabalha lá.

**VARREDOR**

(*Enquanto Vítor se empina como uma galinha tomando água*) Não quero atrapalhar o senhor.

**VÍTOR**

Toda vez que eu boto colírio, me sinto como uma galinha tomando água, é esquisito, não é? (*Para o Varredor ausente.*) Você não está me atrapalhando.

**VARREDOR**

E o serviço aí?

**VÍTOR**

Você parece que não tem senso de humor!

**VARREDOR**

Com essas e outras eu já perdi a metade do tempo que eu tinha pra arrumar a sala.

**VÍTOR**

(*Ignorando a aflição do Varredor, segurando-o pelo ombro*) Sabe, um dia o seu Maia resolveu botar na cuca dele que eu estava adiantando o serviço pra sair mais cedo. Daí ele simplesmente aumentou a minha cota. Me mandou separar documentos nas horas vagas. Isso daqui. (*Mostra uns papéis maiores.*) São registros, com assinaturas de clientes. Firmas. O seu Maia acha que o funcionário tem que ser apaixonado pelo banco. Ele não se conforma que o funcionário dedique só oito horas diárias, mais as extraordinárias que existem todo dia. Ele exige que o funcionário dedique também a crença, o ideal, as aspirações e os desejos ocultos à religião bancária. Você tem que ser um bancário não só aqui dentro dessas paredes – lá fora também! É o teu credo, o teu Deus, o teu Jesus Cristo, a tua caridade, a tua propriedade privada, a tua família, o teu macho, se você preferir. (*Pausa*) Se o seu Maia descobre, por exemplo, que você gosta de cinema, numa suposição, pronto! Você

tem que expiar o teu pecado. Nada de mundanismo. Você já viu um bancário na rua? Já viu como se comporta uma secretária? É a mesma coisa. Essa religião devora de todos os lados. Uma secretária, por exemplo, que é praticante do mesmo credo, é o que pode existir de mais católico em termos bancários; é uma espécie de filha de Maria do cristianismo bancário. Vive intoxicada de sanduíches e destila números menstruais. *(Para o Varredor)* Você é de pouca prosa. Eu percebi isso a primeira vez que eu te vi, aí em baixo, na saída do elevador. Teus colegas da limpeza vivem conversando sobre mulher, sabe como, esses assuntos divinos de segunda-feira de manhã. Você não. Sempre quietão, caladão. Sabia que eu vivo te seguindo? *(Longa pausa)* Uma vez eu entrei num bar que você entrou pra comprar cigarro. Você fuma Macedônia, não fuma?

**VARREDOR**  
Continental.

**VÍTOR**  
*(Com segurança)* Macedônia!

**VARREDOR**  
Já fumei Macedônia.

**VÍTOR**  
Pois é, daí eu tirei uma ficha pra cafezinho e deixei a ficha cair no teu pé, de propósito, e você catou pra mim, não se lembra?

**VARREDOR**  
*(Caminhando para a saída)* Não lembro não.

**VÍTOR**  
Eu falei alguma coisa errada?

**VARREDOR**  
É que eu tô perdendo o meu tempo, pomba!

**VÍTOR**  
Você ficou com medo de mim?

**VARREDOR**  
Não é isso, porra!

**VÍTOR**  
Então por que você vai embora?

**VARREDOR**  
Porque estou em serviço. Por isso – já expliquei, não expliquei? Porra, então não insiste!

**VÍTOR**  
Desculpa, eu tinha até esquecido. Juro que eu tinha esquecido.

**VARREDOR**  
Outro dia a gente conversa, certinho, sem problema...

**VÍTOR**

Me desculpa mesmo! Eu também tenho que dar duro ainda. Imagina se não descubro essa diferença de hoje!

*(Silêncio. O Varredor junta suas coisas e caminha para a porta de saída. Pára e olha ainda para Vítor, que volta a separar os papéis em cima da mesa. O Varredor tenta então abrir a porta, que está trancada. Insiste, depois se volta, azedo.)*

**VARREDOR**  
O senhor trancou a porta?

**VÍTOR**  
*(Falsamente distraído.)* Que porta?

**VARREDOR**  
Não brinca!

**VÍTOR**  
Quem tá brincando?

**VARREDOR**  
Porra, não brinca!

**VÍTOR**  
*(Sarcástico)* Somando tudo, quanto é que você ganha por dia?

**VARREDOR**  
Não insiste, eu tou atrasado!

**VÍTOR**  
Com o salário, e com o que você ganha por fora, quanto é que dá?

**VARREDOR**  
Porra, eu já disse que o cara vai brônquear comigo! O cara me dá uma lavada e pronto! Tou eu envenenado.

**VÍTOR**  
*(Tranqüilamente)* Em média você deve ganhar aí na base de seis mil, sete mil por dia, somando tudo. Acertei?

**VARREDOR**  
Não cria problema, ô meu, me abre a porta aí...

**VÍTOR**  
Menos?

*(Silêncio. O Varredor se volta, meio agressivo, meio fascinado.)*

**VARREDOR**  
Porra, o que é que você viu comigo?!

**VÍTOR**  
Jogando em sete mil, se é o que você ganha por dia, eu te dou vinte mil pra você sentar aí e fumar um cigarro comigo. *(Pausa. O Varredor está tentado.)* É pouco? Pois eu te dou trinta.

**VARREDOR**

Caramba, mas o que é que você viu em mim?

**VÍTOR**

Trinta mangos contadinhos, topa? *(Pausa)*

Deixa esses troços aí e volta pra cá. *(O*

*Varredor obedece, agora com interesse.)* Senta

aqui, nessa cadeira aqui. *(Vítor aponta o trono, o Varredor permanece de pé.)* Aqui, senta aqui.

Assim. Você fica parecendo um rei. Existe rei

de tudo, não existe? Você é o rei do lixo!

**VARREDOR**

Que barato!

**VÍTOR**

Você me acha meio doido, é?

**VARREDOR**

O que os caras não vão pensar...

**VÍTOR**

Pensar o quê?

**VARREDOR**

Que negócio mais esquisito!

**VÍTOR**

Só falta a coroa. Você ficaria muito bem com

uma coroa de cebolas na cabeça, e uma réstia

de alho a tiracolo. *(Varredor se mexe na*

*cadeira, achando graça.)* Você me acha meio

doido por quê?

**VARREDOR**

Não disse nada.

**VÍTOR**

Me diz uma coisa: você acha que eu dou uma

certa pinta?

**VARREDOR**

*(Rindo, meio tímido)* Eu sei lá...

**VÍTOR**

*(Se afastando para um canto, ausente)* Sabe,

no prédio onde eu moro tem uns garotos

conversando, a hora que eu entro, todo dia lá

na porta. Quando eu vou chegando pra

entrar, eles param de conversar... me abrem a

porta... com uma gentileza muito esquisita...

Não sei o que eles falam a meu respeito, ou

se pensam a meu respeito... a gente nunca

conversou... Não me cumprimentam, mas

ficam calados quando eu chego... até eu

tomar o elevador. Quando eu tomo o

elevador, eles começam a conversar de novo...

Um dia eu puxei prosa com um deles, o mais

novinho. Ele me tratou com tanto respeito,

que eu me senti um monge! Você me acha

muito esquisito?

**VARREDOR**

Sei lá. Um pouco.

**VÍTOR**

Aqui no banco eu sinto a mesma coisa, no

meio dos milhões de funcionários que entram

e saem todo dia... como se fossem fantasmas...

Como se fossem sombras... que não têm nada

a ver comigo. Às vezes eu tenho a impressão

que eu morri na minha infância, me

desencarnei. Não tenho mais nada de comum

nem com as pessoas... nem com as coisas...

nem com mais nada. Não tenho ponto de

referência mais nenhum... Eu sou um corpo

vazio, se carregando no meio dum mundo que

nem se decifra nem me decifra mais. De uns

tempos pra cá eu descobri que eu não quero

nem viver, nem morrer, nem continuar

vivendo nesse estado de graça... Você já pensou

em se matar?

**VARREDOR**

Quê? Não sou besta!

**VÍTOR**

Eu já. Uma vez eu me tranquei no banheiro,

abri o gás e deixei muito tempo.

**VARREDOR**

Aí apareceu a tua família?

**VÍTOR**

Que família! Eu vivo sozinho, minha família

tá lá no interior.

**VARREDOR**

Por que não deu certo?

**VÍTOR**

Me pareceu uma coisa ridícula.

**VARREDOR**

*(Desinteressado)* E como é que ficou?

**VÍTOR**

Desliguei o gás, tomei não sei quantos copos

de leite e passei horas numa sauna. Pelo

menos foi estimulante. *(Pausa)*

**VARREDOR**

*(Pegando o paletó de Vítor, que está pendurado atrás de uma cadeira)* É tergal, é?

**VÍTOR**

Você gosta?

**VARREDOR**

Bom.

**VÍTOR**

Tenho nojo.

**VARREDOR**

*(Levantando de repente)* Como é que é...

Vamos resolver o nosso papo logo? *(Pausa)*



**VÍTOR**

Que papo?

**VARREDOR**

Já fiz programa com muito viado aí. Os caras sempre largam grana. Um vez eu fui aí com um pinta que tava sem dinheiro: me deu uma camisa, um disco e uma japona. Essa japona azul que eu tenho aí. Claro, o disco eu dei, fazer o que com um disco!

**VÍTOR**

E tua mulher, ela não sabe?

**VARREDOR**

Uma vez eu passei apertado. Peguei um velho da minha rua, o cara ia pagar, mas não tinha lugar. Daí resolveu, me levou no quartinho de fundo da casa dele, de noite – isso foi num sábado. Na hora de sair, o filho dele tava na sala. Daí ele mandou o garoto sair pra comprar cigarro. Enquanto ele foi, a gente se mandou. A mulher do cara é amiga da minha. Fazia tempo que ele dava em cima.

**VÍTOR**

Quer dizer que você tem muito cartaz.

**VARREDOR**

Sabe como é, meu problema é mulher, mas tendo grana, sabe como é... Fiz uma menina, uma vez. Tive que me virar aí de noite com os bichas pra tirar o filho. Depois ela acabou na viração. Mas eu dei o duro!  
*(Pausa. O Varredor está muito à vontade. Vítor olha para ele, durante algum tempo. Depois, em tom ríspido:)*

**VÍTOR**

Pra que você pensa que eu estou te pagando?

**VARREDOR**

Eu é que sei?

**VÍTOR**

Como é que ficou combinado?

**VARREDOR**

Fumar um cigarro...

**VÍTOR**

Fumar um cigarro! Não foi isso que ficou combinado? Foi ou não foi isso que ficou combinado?!

**VARREDOR**

Foi, chefe.

**VÍTOR**

Sabe, eu acabei de descobrir que você não passa de um puto, sabia? Puxa, eu pensei tudo, menos que você fosse um puto! *(O Varredor está atônito.)* E não me chama de chefe!

**VARREDOR**

Mas o que houve?

**VÍTOR**

Puto sim! E muito convicto!

**VARREDOR**

Porra, mais respeito comigo!

**VÍTOR**

Mas que respeito? O que é isso, respeito? Você se vende por trinta mangos como um judas muito nojento e ainda fala em respeito Que que você pensa que é, além de um prostitutozinho muito ordinário? Heim?

**VARREDOR**

*(Com humildade)* O senhor me desculpa então. Foi eu que entendi errado, mas é que ninguém dá uma grana limpa assim a troco de nada, só pra fumar um cigarro.

**VÍTOR**

Taí, eu pago. Pago pra você fumar um cigarro. Toma aí. Você vai fumar já o cigarro. *(O Varredor pega sem jeito o cigarro, e ele mesmo acende.)* E não me chama nunca mais de senhor! Nem de chefe, que eu já me lembro logo daquele pústula que mexe os dedinhos dentro da minha cabeça! Eu sou uma pessoa muito honesta. Não devo nada pra ninguém. Nunca deixei de pagar nem um cafezinho que eu tomo num bar. Não tenho nenhum inimigo pessoal dentro de São Paulo. Como, durmo e trabalho sem ameaça pessoal de ninguém, sabia? Eu digo AMEAÇA PESSOAL! Nunca botei a mão em nada. E olha que eu já tive oportunidade de dar cano em muito trouxa. Mas eu sou o tipo da pessoa honesta; o banco não tem nada contra mim, nem o próprio seu Maia tem! Por isso, se eu digo que te dou tanto pra fumar um cigarro, é pra fumar um cigarro! *(Pausa. Vítor caminha em volta do Varredor, examinando-o, simulando ódio. O Varredor ostenta um certo pavor. Vítor continua insistindo como um bêbado sozinho na rua diante de um estranho qualquer.)* Sabe qual o único defeito que eu tenho? É um vício muito engraçado: escrever pornografias nas privadas do banco, o que não alivia nada, mas que pelo menos é um atestado de revolta, MEU, PESSOAL!, contra o banco e tudo o que ele significa. Tudo o que eu não consigo dizer pro próprio banco eu digo por escrito pras privadas dele. Tudo o que eu não consigo dizer pro seu Maia eu digo pras privadas onde

ele senta. Tudo o que eu não consigo dizer pra cada funcionariozinho engravatado que ajuda amamentar essa zona aqui eu digo por escrito pras privadas onde eles todos sentam, pras paredes e pras portas onde eles vão respirar, em particular o ar fedido e sifilítico lá dos intestinos deles. E sabe por quê? Porque eu não tenho nenhum amigo nem nenhum inimigo dentro deste bordel, dentro desta coisa iluminada e putona chamada São Paulo, que não pode parar nem um minuto, que não pode parar de jeito nenhum. E quando eu falo São Paulo, eu não falo da cidade propriamente dita chamada São Paulo. Eu falo do pesadelo de despertadores com horas marcadas que nunca mais vão deixar ninguém dormir em paz: assinar ponto na hora certa de entrar, nem um minuto depois, e assinar ponto na hora de sair, nem um minuto antes. (*Vítor agarra furiosamente o despertador.*) A minha vida é esta maquininha! Esta maquininha infernal inventada pela contabilidade, pra isso da rua que chamam de paulistano. Esta maquininha calculada que não muda nunca o compasso: tic, tac, tic, tac... A noite inteira esta maquininha, dentro de uma kitchenette sem luz, com uma cama imunda de solteiro e um cheiro de mofo vindo das paredes empoeiradas e úmidas, esta maquininha marcando o mesmo compasso de sala-quarto, banheiro e kitchenette. E umas roupas sujas no chão, mudas, secas, sem nada pra dizer pra ninguém. Esta maquininha armada toda noite pro dia seguinte às seis. Toda noite. De segunda a sexta. Com chuva, sem chuva, com calor, com frio, com fumaça, com passeata e sem passeata. Toda noite. Toda santa noite. Sonhando, acordado, dormindo, apagado, no escuro, o barulhinho tá lá, dentro da gente, tic, tac, tic, tac. Depois é acordar do sono acordado, com o tiro preparado, vestir correndo o terno, vai chegar um tempo que a gente já vai dormir de terno, de gravata e sapato engraxado. Correndo, tem de ser tudo correndo, voando, se despejar na rua por cima de gente, correndo pra não chegar atrasado, espremido num ônibus sem falar nada, sem ninguém falando nada, pisando, empurrando, amassando, anônimo, agitado, sem notícia, sem passado, sem amigo nem nada, buzinado, congestionado, interrompido. Tá lá o

barulhinho! Tic, tac, tic, tac. Com ponto assinado e o que eles chamam de vida humana, estacionado pra toda eternidade em cima disto daqui: FICHAS! MILHÕES DE FICHAS! PAPÉIS! Papéis e números, sempre papéis, todo dia papéis, arquivos e mais arquivos de papéis, e uma indústria de homens cegos em cima desses papéis, é uma cidade inteira que foi inundada de papéis, com velhos embolorados examinando e dirigindo esses papéis e sem pular uma letra desse inferno de papéis e números que são mais importantes do que a vida, do que a morte, do que a PUTA QUE O PARIU, tanto papéis e arquivos e gente que entra com papéis e sai com papéis, que vive e morre sem saber mais nada além desses papéis sujos, fedidos, iguais, com saudações, sem saudações, datados, carimbados, assinados e reconhecidos! (*Quase com nostalgia*) Papéis e números... O dia inteiro, o ano inteiro, a vida inteira, papéis e números. Oito a dez horas por dia, todo dia, os mesmos papéis e números, as mesmas caras iguais que só entendem de papéis e números. O mesmo código pra decifrar a cara do paulista, essa cara branca, descorada e ávida que vai passar a vida inteirinha combinando números, variando números, corrigindo números, aumentando, diminuindo, somando, decifrando, multiplicando, dividindo, amarrando a vida inteira, o dia inteiro, a noite inteira, vinte e quatro horas de janeiro a janeiro, aí, em cima de papéis, e máquinas e ruídos de máquinas e relógios com hora marcada, sempre com hora marcada, sem sol, sem ar, sem jeito de poder segurar essa máquina toda com as mãos e gritar que pára! que pára! CAZZO! Eu tenho só vinte e cinco anos. Você sabe o que significa ter ainda vinte e cinco anos, saindo de casa de manhã, todo dia, pra ficar sentado no mesmo lugar, em frente aos mesmos papéis, em frente dessa eternidade corrompida de números, pra chegar em casa de noite, toda noite, arrebatado, pra dormir com esta maquininha que te espera na mesma hora, pra te empurrar do mesmo jeito na rua? (*Pausa. Vítor está quase exausto e sem fôlego.*) Do lado da minha mesa aqui tinha um velho aí na casa dos sessenta anos. Me disse que esteve na guerra. Conversamos duas vezes

nesse tempo todo. Assim mesmo, porque ele me viu um dia com um livro de poemas – na época que eu ainda conseguia suportar um poema. Daí ele me disse que era escritor. Um imoral. Chegou a mostrar aí um conto podre que conseguiu publicar no suplemento literário do “Estadão”. O velho se aposentou na semana passada. Trabalhou quarenta anos. QUARENTA: deu dez anos de aposentadoria pro Banco. Tava cego, com os cabelos brancos. Trazia lanche todo dia e ia comer escondido aí no banheiro pra não ter que oferecer pros colegas. Quando comia perto de mim, comia agachado, quase debaixo da mesa, se engasgando como uma cadela. Nas férias, o velho aparecia aqui na seção. Tava tão acostumado a ficar aqui, que quando davam férias pra ele, achava melhor ficar zanzando por aqui, mexendo numa coisa e noutra. Sabe o que ele me disse de despedida, no dia que ele foi embora? Me disse pra cuidar direito do arquivo que ele organizou, um desses cofres de metal, cheios de pastas. Só isso: que quando eu tirasse uma pasta do lugar, botasse no mesmo lugar, direitinho. Parece até que ele ensaiou quarenta anos seguidos pra me dar esse conselho. O seu Maia fez o discurso de despedida pro velho, com salgadinhos, exemplos edificantes e Coca-Cola. O velho chorava como uma criança, comovido, inchado como um herói. Ontem eu passei lá no “Salão dos Aposentados”, um museu especial que o banco construiu pros funcionários que agüentam a parada até o fim. O velho tava lá, no meio de mais oito. Oito maquininhas encostadas, impotentes e ridículas, lá, nas poltronas, lembrando o tempo do banco – os bons tempos do banco! Oito coisas grotescas, empoeiradas, que não podiam nem conseguiam mais inspirar nem amor nem ódio, nem desprezo nem nada! Parei um pouco na porta, me escondi atrás do portal e ouvi a conversa deles. O velho tava dizendo que quando cuidou do ponto da seção, na comovente função de secretário, nunca deixou colega nenhum assinar a folha um minuto depois da hora. Tinha sido honesto e exemplar até o fim. Tinha cumprido o regulamento do banco em cima da linha. Nunca tocou a mão nem numa borracha estragada desta igreja. Agora era o

trunfo dele: conseguiu um apartamento através da Caixa Econômica, e um Volkswagen no consórcio.

*(Silêncio. Vítor deita em cima dos papéis, desolado. O Varredor não se move. Pausa. Depois de um silêncio em que Vítor permanece estendido sobre a mesa, o Varredor, perturbado, resolve interpelá-lo.)*

**VARREDOR**

Escuta, nós combinamos o cigarro, eu fumei um cigarro... *(Vítor não se move. O Varredor se aproxima dele.)* Garotão... como é que é? *(Vítor permanece. Varredor bate no ombro de Vítor.)* Escuta, ô meu, como é que vai ficar?! *(Pausa. O Varredor coça a cabeça, desanimado.)* Porra! Como é que era esse trato?! Vou ficar aqui plantado, de alegre?! Tenho de dar um jeito pelo menos na privada da chefia.

**VÍTOR**

*(Se levantando abruptamente)* A privada da chefia nunca! Então eu te pago, faço tudo, e amanhã o seu Maia encontra tudo limpinho, direitinho!?

**VARREDOR**

Assim não pode ficar.

**VÍTOR**

A privada da chefia, de jeito nenhum.

**VARREDOR**

E como é que faz?

**VÍTOR**

Você diz que não tinha água.

**VARREDOR**

Porra, que idéia. Pensa que é fácil assim, é?

**VÍTOR**

Pois eu te pago mais trinta, tá aí! Mais trinta mangos pra você falar de você agora. Agora é você quem vai falar, pronto, já resolvi. Eu quero escutar você falar. Vai, fala de você. *(Pausa)* É pouco? Trinta é pouco? Cinquenta, vai.

**VARREDOR**

*(Depois de uma pausa)* Caramba!...

**VÍTOR**

Mina como essa, velho, nunca mais na vida! Never! *(Pausa)*

**VARREDOR**

Sério mesmo?...

**VÍTOR**

Não acredita?

**VARREDOR**

(*Coçando a cabeça*) Mas o que que eu vou falar de mim?!

**VÍTOR**

Fala de você, pipocas!

**VARREDOR**

Falar de mim...

**VÍTOR**

Qualquer coisa. Me fala a respeito do pessoal da limpeza, como é que eles são... o que eles fazem... o que você acha deles... Fala do banco, ou de quem trabalha no banco... Puts! tem tanta coisa! Você não tá vivo!? (*Pausa. O Varredor pensa, pensa e continua calado.*) Nada?!

**VARREDOR**

Porra, eu vou falar o quê?

**VÍTOR**

Fala a respeito de você, meu santo!

**VARREDOR**

Que troço mais besta!

**VÍTOR**

O que... Que que você pensa da vida? Pra você o que significa a vida? Não, essa pergunta não quer dizer mais nada, é muito abstrata. Não! é isso mesmo! É isso, sim. Que significa a vida pra você?

**VARREDOR**

(*Azedo*) Porra...

**VÍTOR**

Nada? Não significa nada!? Mulher?

**VARREDOR**

(*Vagamente, sem convicção*) É, mulher...

**VÍTOR**

Só mulher?

**VARREDOR**

Pombas, não sei!

**VÍTOR**

(*Gritando*) E eu é que vou saber?! Eu te pago pra você falar o que você quer, tudo o que você pensa e ainda vou ter que te empurrar pra fora?

**VARREDOR**

Mas que papo mais desafinado! Esse papo não existe!

**VÍTOR**

É a tua família, é?

**VARREDOR**

Minha família.

**VÍTOR**

Teus filhos? O que você vai ensinar pros teus filhos?

**VARREDOR**

Uma profissão.

**VÍTOR**

Que profissão?

**VARREDOR**

Sei lá, qualquer negócio aí. Eles são pequenos, o mais velho só tem dez anos.

**VÍTOR**

E tá estudando?

**VARREDOR**

Como? De que jeito?

**VÍTOR**

Só uma profissão, só isso?

**VARREDOR**

Não sei... Porra, eu não sei! Não fica me perguntando!

**VÍTOR**

(*Gritando*) Jesus! Mas o que que você vai dar pros teus filhos? Você não sabe? O teu filho mais velho, por exemplo, você vai ensiná-lo a varrer a rua, a varrer salas de bancos, a varrer privadas de banco, é isso que você vai ensinar pra ele?

**VARREDOR**

O cara é até louco, eu sei lá o que que eu vou fazer!

**VÍTOR**

Como assim, louco?

**VARREDOR**

É louco. Tantã. Não bate, me entende? Quebra as coisas em casa, quando dá a crise, bate nas meninas, bate na mãe, fica batendo a cabeça na parede, de noite, e gritando, não deixa ninguém dormir, apronta e desapronta à vontade, os cambaus! (*O Varredor subitamente retira uma carteira amarrotada do bolso e mostra uma fotografia, dessas horríveis, a Vítor.*) Meus filhos.

**VÍTOR**

Esse é o mais velho...

**VARREDOR**

Marcos. Quando tá bom, entrega leite numa carrocinha nos botecos lá do bairro. É muito trabalhador.

**VÍTOR**

É essa, quem é essa?

**VARREDOR**

Minha mulher.

**VÍTOR**

Santo Deus!

**VARREDOR**

A gente tá separado.

**VÍTOR**

Mas é um vampiro, heim?

**VARREDOR**

Um puta bagaço!

**VÍTOR**

Mas esse cabelão desse jeito, crespo, e essa presa pra fora, virgem santíssima!

**VARREDOR**

Ela tem um metro e oitenta e dois.

**VÍTOR**

Mas onde é que você foi descobrir uma coisa tão feia assim?!

**VARREDOR**

Pena que seja tão desmiolada.

**VÍTOR**

Você pelo jeito gosta dela ainda.

**VARREDOR**

A gente lutou junto muito tempo. Ela é muito trabalhadeira. Sai às quatro da manhã todo dia pra trabalhar aí no centro, numa casa de família. Toma três conduções e só volta de noite, de trem. Se vira!

**VÍTOR**

Você não agüentou a parada ou foi ela?

**VARREDOR**

Só tem um defeito: televisão.

**VÍTOR**

Gosta muito, é?

**VARREDOR**

Dá a vida.

**VÍTOR**

Você comprou uma televisão pra ela e ela te trocou pela televisão?

**VARREDOR**

Bem que ela queria, mas o dinheiro não dá.

**VÍTOR**

E foi por isso que vocês brigaram?

**VARREDOR**

Sei lá, até hoje eu não sei direito. Ela tem mania de ir em auditório. Porra! Você vê: trabalha a semana inteira, até sábado, e no domingo ainda tem de ir em auditório? Não dá pé. Mas ela não: botou na cabeça que tinha de cantar no Chacrinha ou Sílvio Santos, um negócio assim. Uma mulher casada, com filho e tudo. Um dia eu peguei a Ivone fazendo um negócio aí com um tarado. Porra, só seis anos, caramba! (*O Varredor guarda de novo a carteira.*) É isso daí. Ela bota

a culpa em mim, ainda por cima. Diz que eu não tenho responsabilidade. O que que eu vou fazer? Vivia reclamando de mim pros conhecidos. Só porque eu joga uma pelada de vez em quando lá com os caras da rua. Botava a boca no mundo, por causa de um esgoto que passa na porta e a prefeitura não dá jeito. Infernava a minha vida, dizendo que tinha nascido com a alma porca! Eu vou fazer o quê? Engolir o esgoto inteiro?! Quero que se dane, pombas. Boto umas tábuas em cima pras crianças não cair dentro. Mas o que adianta? Os outros meninos da rua até entram dentro, pra brincar! (*Pausa*) Bem a gente não tá, mas fome não passa, não tá bom? (*Pausa*) É isso que interessa, é ou não é? Comigo é assim: dando pra ir vivendo, é o que interessa. (*Pausa*)

**VÍTOR**

Há um ano atrás eu acho que eu ia me acostumar te vendo dentro disso que você aparenta que é: um homem simples, casado, honesto, que gosta de futebol, sem muita pretensão, que não quer saber de muito problema. A gente ia acabar sendo amigo... Hoje uma cerveja, amanhã outra, outro dia uma visita lá na vila onde você mora... (*Pausa*) A ordem das coisas mudou muito. Você pode continuar sendo tudo o que você é, mas o teu encontro marcado com a ordem que rege o mundo e as pessoas continua te esperando. (*A cena, a partir daqui, começa a romper com o clima anterior e passa a assumir um tom deliberadamente teatral.*) O que é um varredor de privadas de banco? Não é nada! O que é que um lixeiro como você representa para a sociedade? Não representa nada! Você é só um caso particular no meio de milhões de casos particulares e que pode conseguir só e só isto: comover uns tantos filhos da puta que conseguem muito bem viver às custas da tua miséria particular. Intelectuais, criadores de todas as espécies e umas tantas almas bem alimentadas e bem intencionadas. Só e só isso! Um homem como você, que passa a vida inteira limpando privadas, limpando salas de chefes, limpando vidraças, limpando chão, limpando rua, limpando esgoto de rua, limpando casas de família, esse homem só pode ser um fedido, só pode ser um sujo. Um varredor de banco é um ser humano sujo,

fedido, sem importância, sem direito, disposto a apanhar na rua como uma cadela, pelo simples fato de estar andando na rua, no meio de outras pessoas, sozinho. Um varredor de banco é um FORA-DA-LEI! *(Pausa)* Você bota a mão na merda de todo mundo, no mijo de todo mundo, na sífilis de todo mundo, e por isso você não pode falar em dignidade. E tem mais: você limpa o chão que eu particularmente piso, que todos os clientes do banco particularmente pisam, quando vêm aqui depositar ou retirar dinheiro. Eu joga meu cigarro no chão, piso em cima e vem você e limpa!

**VARREDOR**  
Você me paga para me escarrar na cara?!

**VÍTOR**  
É. Eu te pago pra isso: pra te escarrar na cara. *(Pausa. Abraçando-se a si mesmo.)* Sabe... Eu já desabotoei esse teu macacão muitas vezes, sozinho... Ele cheira suor de animal. Tem cheiro de rua de mercado de gente se comprimindo... Eu te imaginava Jesus Cristo, sendo seguido por mim... *(Pausa. Vítor caminha em torno do Varredor.)* Dentro de um terno, você é vulgar, é comum, não sobra mais nada do que você é... *(Vítor retira o paletó da cadeira.)* É teu. Você gosta dele.

**VARREDOR**  
Pra mim?!

**VÍTOR**  
Você leva a calça também. *(Pausa. Vítor continua andando em volta do Varredor.)* Eu fico com o teu macacão, sujo e fedido como está. *(Colocando a gravata no Varredor.)* Assim fica o uniforme completo. Claro, ainda faltam os sapatos. *(Retira os sapatos.)* Você me passa os tamancos. *(O Varredor está imóvel, sem ter tocado em nada.)*

**VARREDOR**  
Você não mora sozinho?

**VÍTOR**  
Foi aqui que eu te imaginei. Nós só existimos, nós dois, aqui, dentro do banco. *(Pausa. A luz começa a baixar e o tom é lento e quase delirante.)*

**VARREDOR**  
Que é que você tem lá?

**VÍTOR**  
Uns discos, uns livros, sei lá, as continhas feitas de fim de mês, débito-crédito.

**VARREDOR**  
Rádio, você não tem?

**VÍTOR**  
Um toca-discos.

**VARREDOR**  
Toca-discos é bom.

**VÍTOR**  
Você gosta de música?

**VARREDOR**  
E tempo?

**VÍTOR**  
Eu te dou tudo que eu tenho lá.

**VARREDOR**  
Roupa?

**VÍTOR**  
Minhas camisas... minhas calças... Nunca saio de dentro desse terno!

**VARREDOR**  
*(Cada vez mais ávido)* Objeto de valor, você não tem nenhum?

**VÍTOR**  
Só um relógio de ouro, que meu pai deixou pra mim, quando morreu.

**VARREDOR**  
Você faz o quê, de noite?

**VÍTOR**  
Nada. Eu ligo o toca-discos antes de dormir, e eu tento ver se durmo. *(Ao som de um réquiem, o Varredor abre os braços, seminu, e Vítor se arrasta para ele, até incorporar-se em seus braços abertos.)* Eu conheço você melhor do que você mesmo. Eu sou mais você do que você mesmo e do que eu mesmo. Você é mais eu do que eu mesmo e do que você mesmo. Tudo o que você quer é o que eu já tenho e me asfixia. Na tua profissão, você é sacerdote, e eu não sou na minha. Eu sei mais o teu nome do que você mesmo, eu te sei melhor do que você mesmo, então é minha a tua profissão, é minha a tua sujeira, é meu o teu esperma e o teu sangue é meu, é você quem me paga, sou eu quem te odeia! *(Blackout. A música cessa e cresce em seu lugar um ruído de máquinas batendo incessantemente.)*

## SEGUNDO ASSALTO

*(Toque prolongado de sirene. O Varredor está num canto e Vítor noutra. O clima desde o início é de silêncio e hostilidade, principalmente por parte do Varredor. Os dois personagens*

*estão com as roupas trocadas. Depois de um silêncio:)*

**VARREDOR**

Tenho a impressão que eu já te conhecia antes.

**VÍTOR**

É. Só se for daqui mesmo. É o único lugar que eu frequento.

**VARREDOR**

Daqui mesmo. Os caras da limpeza já tinham me falado.

**VÍTOR**

De mim?

**VARREDOR**

Que tinha um pinta me seguindo.

**VÍTOR**

Deviam zombar de mim.

**VARREDOR**

Os vigilantes da tarde também me falaram.

**VÍTOR**

Pensei que você não tivesse amizade com os guardas.

**VARREDOR**

Tem um que é meu vizinho.

**VÍTOR**

Vai ver que é por isso que me secam. Devem falar horrores de mim.

*(O Varredor está pronto pra sair.)*

**VARREDOR**

Quer dizer que eu levo o paletó?

**VÍTOR**

*(Pingando colírio)* Não quer pingar um colírio?

**VARREDOR**

Nunca usei esse troço.

**VÍTOR**

É bom. Tira o vermelho. *(Pausa)* Quando eu passo lá na portaria pra ir embora, os guardas ficam de olho em mim. Acho que morrem de vontade de me dar uma porrada.

**VARREDOR**

Os caras lá são fogo.

**VÍTOR**

Polícia nunca vai com a minha cara. Uma vez eu apanhei na rua sem mais nem menos, pelo simples fato de estar na rua. O investigador, que era um troglodita, me pediu documento, me chamou de viado e foi largando porrada na minha orelha, e nas minhas costas. Até hoje eu não sei por quê.

**VARREDOR**

*(Desconversando)* Tenho que me mandar.

**VÍTOR**

Pra onde?!

**VARREDOR**

Pro andar de cima.

**VÍTOR**

Nunca vi um caxias como você, te juro!

**VARREDOR**

É o jeito. Fazer o quê?

**VÍTOR**

Esquece por hoje.

**VARREDOR**

Tenho que me mandar.

**VÍTOR**

*(Ausente)* Nem aqui no banco eu tenho amigo. Vivo sozinho vinte e quatro horas por dia, no meio de gente na rua e no meio de gente aqui dentro. Uma pessoa sozinha, desconhecida, tá sujeita a apanhar na rua da polícia. Se somem com a gente, é como se tivessem sumido com um espírito.

**VARREDOR**

A calça... Eu posso levar a calça?

**VÍTOR**

Claro, mas depois.

**VARREDOR**

Depois quando?

**VÍTOR**

Olha, eu tinha esquecido de te falar. Esquecido não, eu não quis dizer antes pra não te apavorar à toa. Mas eu saí do banco hoje. *(O Varredor está muito espantado.)* Recebi as contas hoje de tarde.

**VARREDOR**

*(Desconfiado)* Sei...

**VÍTOR**

Fui eu que pedi demissão. Sabe como é, um dia tinha de acontecer. Mais cedo ou mais tarde.

**VARREDOR**

*(Com um certo rancor)* Claro...

**VÍTOR**

Fiquei hoje aqui pra te encontrar... Você foi a única pessoa que eu acompanhei durante esse tempo todo...

**VARREDOR**

*(Com desprezo)* E...

**VÍTOR**

Fiquei pra arrumar as minhas coisas, entende? Tirar tudo do armário. Por isso que eu não faço questão do terno, entende por quê?

**VARREDOR**

Te indenizaram?

**VÍTOR**

Eu achei que tinha de acertar as contas com o banco segundo os meus métodos. O banco faz lá as contas dele, tá certo, é um direito meu, não é justo?

**VARREDOR**

(*Que não consegue mais esconder o jogo*) E você tá com a grana?

**VÍTOR**

(*Desconversando*) Bem, isso é outra coisa.

**VARREDOR**

Outra coisa o quê?

**VÍTOR**

Senta aí. Já não ficou combinado que você não vai trabalhar hoje? Então pra que essa pressa?

**VARREDOR**

O problema é que eu tenho pelo menos que aparecer lá pro chefe, porra!

**VÍTOR**

Sem essa de chefe, senta aí.

**VARREDOR**

Escuta aqui, vamos conversar direito. Você não tá pensando em me embrulhar agora... Não vai me dizer que eu fiquei esse tempo todo aqui de alegre.

**VÍTOR**

(*Simpático*) Você é muito afobado, companheiro.

**VARREDOR**

Porra, você tá me achando com cara de fanchona, porra?

**VÍTOR**

Eu?! Eu não falei nada.

**VARREDOR**

Você me faz perder todo esse tempo pra vir agora com essa história que tá desempregado e sem dinheiro?! Caramba! Eu não tenho nada com isso, eu tenho o meu serviço aí, tenho que levar o meu no fim do mês, não vai me dizer que você tá querendo me fazer de besta!

**VÍTOR**

Acho que você tá passando o carro na frente dos bois. Eu não falei nada.

**VARREDOR**

O problema é o seguinte: você aí tá me devendo oitenta mangos. Das coisas eu não faço questão, tá aí, mas a grana vai ter de sair.

**VÍTOR**

Eu sei, claro que eu sei. Senão eu não tava mandando você ficar sossegado.

**VARREDOR**

Ficar sossegado, caramba, trancado aqui dentro, com o chefe aí em cima! Tinha graça.

**VÍTOR**

Eu tenho só que acabar de arrumar as coisas e quero uma companhia pra ficar comigo até a última hora. Só isso, te pago mais vinte, tá? Daí fica arredondado pra cem.

**VARREDOR**

Não, sem essa! Muita esmola o santo já desconfia...

**VÍTOR**

Não quer?

**VARREDOR**

Desde a hora que eu cheguei você tá aí, plantado, falando, falando, enchendo o saco.

**VÍTOR**

Ah! Enchendo o saco, é?

**VARREDOR**

É. Chega de papo agora. Agora o que me interessa é a grana.

**VÍTOR**

Eu posso te fazer uma pergunta antes? (*Pausa. O Varredor faz a última concessão, irritado.*) Posso?

**VARREDOR**

Vai, faz.

**VÍTOR**

Você gostou de mim? (*Pausa*) Sabe, é uma coisa grotesca até... É que nunca fiz essa pergunta pra ninguém e nunca ninguém me declarou nada. Se não declaram é porque a gente tem de perguntar, é ou não é?

**VARREDOR**

Eu não sei o que você viu comigo, caramba!

**VÍTOR**

No fundo, no fundo, eu sinto até uma espécie de orgasmo quando eu lembro que estou sozinho, sem referência em nenhum lugar. Minha família não existe mais, minha infância não existe mais, e meus companheiros, nenhum existe mais. É terrivelmente confortável. Só que eu queria ter certeza, por uma espécie de orgulho, que existe uma pessoa que eu consegui assaltar, no interior, tirá-la toda pra fora pra ver se é melhor ou pior do que realmente é. Claro, você deve ter horror de mim. (*Pausa*) Acertei?



**VARREDOR**  
Não chateia.

**VÍTOR**  
Desculpa.

**VARREDOR**  
Eu tô é pensando no que eu vou levar nisso.

**VÍTOR**  
Dinheiro é fácil, meu velho. Nós estamos em cima do tutu, nadando no meio do tutu. Estamos ou não estamos? (*O Varredor está cada vez mais aflito.*) Você e eu, nós dois, estamos nada mais nada menos que em cima de todos os códigos aí deles, de todas as regras sociais, estamos pisando a cultura deles, as escolas deles, a fonte do pudor deles, enquanto eles numa hora dessas fazem a festa aí fora, tranqüilamente. É ou não é? E se eles podem fazer a festa deles, porque que é que nós dois vamos perder a oportunidade de fazer a nossa? Não é mesmo?

**VARREDOR**  
Você vai continuar com esse papo até quando?

**VÍTOR**  
(*Ausente*) Eu fico pensando... Aparentemente é de uma simplicidade assustadora. Mas imagina um homem como você, simples e submisso como é você, ou um covarde, como eu, conversador ranheta como eu, que tivesse resolvido viver simplesmente e que para isso, simplesmente, ingenuamente, seguindo a lei naturalmente das coisas, botasse as mãos, encostasse o dedo num cofre desses. É como se você estivesse puxando o gatilho de um exército inteiro contra a tua própria cabeça.

**VARREDOR**  
(*Irritadíssimo*) Sei, eu sei, mas o problema é o seguinte, ô garotão: eu estou agora é esperando o tutu, entende? A grana, compreendeu? A grana, porra!

**VÍTOR**  
(*Subitamente irritado*) Taí, você conseguiu me irritar. Quer saber de uma coisa? Vai embora, vai! (*Vítor começa a arrastar o Varredor displicentemente.*) E essa tua mania de falar "porra, porra", o tempo inteiro falando "porra", não há quem agüente! Ih! vai, vai embora! Vai embora que eu não quero te ver na minha frente nem pintado de ouro mais!

**VARREDOR**  
(*Se desvencilhando*) Calma lá, eu vou embora sim, mas antes vamos ter que acertar as

contas. Não pensa que você livra a sua barra fácil assim não!

**VÍTOR**  
Eu te comprei com as minhas condições, foi ou não foi? Te comprei pra fazer de você o que me desse na cuca. Você aceitou o jogo. Aceitou ou não aceitou? Então, o que você tá reclamando? Quer ir embora? Pois vai! Te prender é que eu não vou, inclusive nem tenho resistência mais, é muito trabalhoso. (*Vítor vai e destranca a porta.*) Pronto, a porta tá aberta. Pega a tua vassoura, o teu lixo e desaparece. (*O Varredor permanece imóvel.*) Ah! Não quer pegar as tuas coisas, é? Pois tá. (*Pega os objetos do Varredor e joga tudo pra fora.*) Se quiser, volta lá pra tua turma, vai limpar as tuas privadas, as tuas salas, o que você quiser! Quem dá as cartas hoje aqui sou eu! (*Pausa. O Varredor está imóvel.*) Eu te mandei embora, o que você tá fazendo aqui na minha frente? (*Pausa*) Vai embora. Eu te dispensei. Você tá completamente livre... (*Pausa*)

**VARREDOR**  
(*Calmo, mas com ódio*) Quer dizer então que vai ficar assim?

**VÍTOR**  
É. E, se quiser, pode subir e contar pros seus colegas. Diz que encontrou um louco de pedra aqui dentro, da pesada, explorador, alucinado, horrível, uma coisa abjeta! Depois desce lá na portaria e explica tintim por tintim pros guardas teus amigos. Conta pra eles que tem um assaltante aqui em cima disposto a levar uma bala na cabeça. Não faço a menor questão. Hoje o desprezo e a violência são a única moeda forte, a única moeda válida, onde eu arrisco tudo!

**VARREDOR**  
(*Com ódio*) Não é a primeira vez que um tipo como você me passa pra trás.

**VÍTOR**  
Que ótimo!

**VARREDOR**  
Um advogado aí do doze já me fez uma dessa. Não sei nem como entrei na tua.

**VÍTOR**  
Pois é: escola é que não te faltou.

**VARREDOR**  
Esse papo nunca levou ninguém pra frente.

**VÍTOR**  
Claro! Hoje em dia as pessoas são muito vividas.

**VARREDOR**

Só que desta vez não fica assim. Eu não levo o meu dinheiro, tá certo. Mas te acerto de um jeito ou de outro.

**VÍTOR**

É um direito que te assiste... *(Pausa)*

**VARREDOR**

*(Gritando)* Quem você tá pensando que é?!

*(Pausa)* Você me obriga a parar o serviço, me chama de fedorento, me faz ficar ouvindo a tua lengalenga e ainda por cima pensa que vai me dar ordem?

**VÍTOR**

Claro, você é o varredor do banco, esqueceu? Eu sou um bancário. Não é correto?

**VARREDOR**

Você é um viado muito sujo!

**VÍTOR**

O que você falou?

**VARREDOR**

Eu não preciso do teu dinheiro, tá bom?

**VÍTOR**

Tou te desconhecendo...

**VARREDOR**

Nem pensa que a tua gravata ensebada me mete medo. Não gostei do tipo logo de cara.

Você tem um jeito de fresco que não me entra. Escutei tudo que você quis falar, você falou o que quis e o que não quis, e eu fiquei aqui. Sem dar um pio. Pois é. Quero te mostrar com quem você tá lidando!

*(O Varredor corre pra fechar a porta, Vítor tenta impedir. O Varredor empurra-o violentamente contra o chão, segurando-o pela garganta. Violência simulada. O Varredor chuta Vítor, que responde com gemidos, no chão.)*

**VARREDOR**

*(Entonação deliberadamente teatral, de frente para a platéia)* Quem sou eu pra levantar a minha mão contra você? Como o teu resto, faço o teu jogo do jeito que ele vem, carrego com minhas costas a força que você não sabe fazer e o teu cheiro fedido que você não pode mostrar pra ninguém, porque você é honesto, e limpo, e educado, e estudado dentro de tua roupa limpa,

do teu sapato engraxado, dentro de tua semana garantida de sete dias garantidos, enquanto eu estou aí, apodrecendo debaixo dos teus sete dias, pra pagar o preço da tua honestidade, apodrecendo debaixo da tua

religião enfastiada de bar, debaixo do teu Jesus Cristo enfastiado sem cheiro de privada e sem escarro na cara. Agora pára de bater no peito, porque eu falo uma língua diferente da tua. Vocês já me separaram faz muito tempo. E se a tua lei me botou sujo, e me botou fedido, pede contas pra ela e não pra mim, que estou engolindo por vocês todos, e todo dia a merda toda do mundo que vocês puseram na frente do meu nariz, pra continuarem limpos e pra continuarem honestos. Pega qualquer um dos teus amigos aí com cheiro de livro, com cheiro de restaurante, com cheiro de teatro; encosta um deles na parede e obriga a te responder às custas de quem e às custas de quê ele continua limpo. Chama ele de covarde, de filho da puta, de frouxo. Sabe o que ele te responde? NÃO TE RESPONDE NADA! Qualquer mendigo da rua vomita em cima da tua roupa limpa! *(O Varredor começa a juntar suas coisas que foram jogadas lá fora. Está decidido agora a arrumar a sala de um jeito ou de outro.)*

**VÍTOR**

*(No chão, com a mão na garganta)* Filho da mãe! Nem perguntou o meu nome. Nem quis saber como é que eu chamo!  
*(A ação passa ao realismo anterior.)*

**VARREDOR**

*(De volta, contundente)* Com você ou sem você, eu vou arrumar a sala agora, neste minuto!

**VÍTOR**

De jeito nenhum!

**VARREDOR**

É fácil. Eu dou o sinal de alarme e chamo a vigilância.

*(O Varredor caminha para o alarme e aguarda, com a mão suspensa.)*

**VÍTOR**

Pior pra você.

**VARREDOR**

Eu explico que não querem me deixar trabalhar. Os caras te botam pra fora na marra! É muito simples!

**VÍTOR**

Pois chama. *(O Varredor desiste.)* Não vai chamar os teus amigos?

**VARREDOR**

Essa sala vai ter de ficar arrumada de qualquer jeito!

**VÍTOR**

Essa noite não. Ainda falta fazer um exorcismo. Senão, nunca mais vou conseguir dormir, com o espírito do seu Maia me possuindo por dentro. *(Pausa)*

*(Vitor faz um sinal com os dedos ao iluminador do teatro e acendem-se as luzes da platéia.)*

**VARREDOR**

Perdi meu tempo em te levar a sério, agora é que eu vi: você não regula.

**VÍTOR**

*(Sentando o Varredor na cadeira e se afastando do palco)* O que você pensa não me interessa mais. Eu já te desmascarei. Pode ter certeza que nunca mais na vida eu vou te seguir! Nesse minuto você já morreu pra mim.

*(Pausa.)* Eu tentei devorar você por dentro, mas a verdade é que você não é tão rico como eu pensava. O fascínio que você tinha era meu mesmo. Tudo o que eu pensei que tinha de mágico em você, quando eu te seguia, e te via de fora, era uma criação minha. Você não passa de um lixeiro, vulgar e insuportável como tem de ser um lixeiro.

**VARREDOR**

E o que você me deve?

**VÍTOR**

Tanto que nesse minuto, já, eu vou te pagar o dinheiro que liquidou essa ilusão. Tá aqui.

*(Retira da carteira todo o dinheiro que tem.)* Pode contar. *(O Varredor não pega.)* Ah! Não quer contar? Então fica aí. *(Joga nota por nota no chão.)* Quanto às coisas que eu te dei, pode levar tudo ou então joga fora. *(Apalpa o macacão do Varredor.)* O teu amor não me interessa mais. Quando eu precisei dele, pra expulsar os meus demônios, você não estava aqui. Agora eu estou sozinho e você não significa mais nada. Eu nem te amo, nem te odeio. Nós dois estamos simplesmente separados, sem mais nada em comum. Não vai pegar o teu dinheiro?

*(Pausa. O Varredor aguarda ainda um pouco, depois se abaixa, humilhantemente, e começa a catar o dinheiro. Vitor sai pela platéia.)*

**VÍTOR**

Eu te ensino o que você faz com essa soma. Você tem que aprender a tua nova vida esbanjando. A decadência exige de você o máximo de gestos inúteis e o mínimo de conteúdo. Você tem que ser, em tudo o que

você faz e vive, um grande barulho oco! Você pega esse dinheiro, vai sentar num restaurante aí, no mais bêbado que você encontrar, vai pedir pro garçom o prato que você quiser, vai deixar a gorjeta, no final vai sujar a mesa com os restos do teu cigarro, vai fazer bolinhas com miolo de pão, vai bocejar como um porco, vai encher a cara da melhor maneira possível e depois vai se jogar na rua, na frente do primeiro táxi que aparecer. *(Pausa)* É o preço exato de um jantar. Confere?

**VARREDOR**

*(Com o dinheiro contado na mão)* Tá certo.

**VÍTOR**

Contadinho?

**VARREDOR**

Conferido.

**VÍTOR**

Nem mais nem menos?

**VARREDOR**

Conferido, porra! *(Pausa)*

**VÍTOR**

Então agora eu liquido com a sua vida. Te pago tudo que estão te devendo.

*(O Varredor, que guardou o dinheiro no bolso, está um pouco surpreso.)*

**VARREDOR**

Ninguém me deve mais nada.

**VÍTOR**

Claro que estão te devendo. Eu, na minha posição de inquisidor, digo e sustento que estão te devendo. Não foi com oito anos que você começou a trabalhar?

**VARREDOR**

Problema meu.

**VÍTOR**

Com oito anos, eu sei. Não adianta você esconder. Você vendia doce na rua. *(O Varredor fica mais surpreso ainda.)*

**VÍTOR**

Claro que vendeu. E o medo que você tinha da fome? Você aprendeu a ter pavor da fome com oito anos: quando você via a tua família, a tua mãe, o teu pai, tuas irmãs, à beira da miséria. Daí você vendia. Vendia paca! Vendia o máximo que podia! *(Vitor começa a retirar os pacotes de dinheiro da gaveta.)* Você comia arroz magro e feijão magro. Neca de carne. Você adorava carne, mas não podia comer carne. Pois aqui está a carne, sorvete, chocolate, brinquedo, Natal, escola, livro e

tempo pra estudar! É esse que é o teu dinheiro!

**VARREDOR**  
(*Apavorado*) Você ficou louco, eu nunca vendi doce na rua.

**VÍTOR**  
Claro que vendeu! Você e a tua irmã mais velha, vocês dois, cada um com uma cesta no braço, indo de rua em rua, de festa em festa, de casa em casa, vendendo doces.

**VARREDOR**  
Não tenho irmã.

**VÍTOR**  
(*Apontando o dedo na cara do varredor*) Não adianta me mentir! Eu sei de sua vida, tintim por tintim, minuto por minuto, eu posso entender o que significam esses anos de guerra, um assalto atrás do outro, uma bomba atrás da outra, uma porrada atrás da outra, até chegar aqui, debaixo dessa luz branca aqui, fechado dentro dessas paredes aqui, com a tua mãe lá fora, te pedindo de joelhos que você não abandone o banco, de jeito nenhum abandone o banco!

**VARREDOR**  
Eu não tenho irmã.

**VÍTOR**  
Claro que tem irmã! Duas irmãs. Mas isso não faz diferença mais nenhuma.

**VARREDOR**  
(*Tentando recuar para a porta*) Pára com isso, porra! Eu sou casado!

**VÍTOR**  
(*Levantando um dinheiro até a cara do Varredor*) Você não tem colhões? Nem pra receber o que é teu e que estão te devendo?

**VARREDOR**  
Olha, se aparece alguém aqui e encontra isso, vão pensar que eu vou junto nessa jogada!  
(*Pausa. Vítor se diverte sozinho com o medo do Varredor.*)

**VÍTOR**  
(*Tranqüilamente*) Sabe... esses armários aí estão todos cheios de dinheiro. As gavetas das mesas... tem dinheiro em tudo quanto é canto. Fiz uma festa pros funcionários do banco por conta do próprio banco... Amanhã eles chegam aqui e encontram o pagamento extra deles... (*Voltando-se para o Varredor com ódio.*) Agora eu estou pagando pra você o que é teu e você vai ter que confiar nas contas que fiz!

**VARREDOR**  
(*Implorando*) Vamos conversar direito... direito... escuta, ô meu, vamos devagar... eu sou casado!

**VÍTOR**  
(*Prontamente retira mais pacotes de dinheiro, que passa ao varredor.*) Pelos teus filhos, e mais pela vampira da tua mulher que levanta todo dia às quatro da manhã, pra arrumar o lixo dos outros, pra ouvir o grito dos outros, e pra comer também o resto dos outros, e mais pela escola dos teus filhos, pela comida e pela roupa deles. Pronto! O teu casamento tá pago! Não me fala nunca mais que você é casado!  
(*O Varredor está muito nervoso, coça o corpo nervosamente.*)

**VARREDOR**  
(*Implorando*) Escuta... Eu nunca roubei nada... Foi você quem começou o papo... não vai depois me botar nessa. Eu sou um homem direito.

**VÍTOR**  
Quem é que tá roubando o quê de quem?  
(*Pausa*) Heim?

**VARREDOR**  
Esse tipo de coisa sempre acaba mal! Vai por mim.

**VÍTOR**  
Estou simplesmente pagando pra mim mesmo através de você. Você não tá me fazendo nenhum favor! (*Continuando a tirar nervosamente pacotes de dinheiro*) Estou te pagando a tua juventude que te roubaram, não é muito. Estou te pagando a tua hora contada, marcada no despertador, estou fuçando numa peça de máquina pra obrigar a parar, tá me entendendo?! Junta tudo e se arranca! Eu aceito morrer por você e você vive por mim. Ninguém vai me pagar o meu preço exato. O que me roubaram, não vai ter ninguém, banco nenhum, que me pague mais... (*Para o Varredor*) Não vai pegar?!

**VARREDOR**  
Esse dinheiro, não.

**VÍTOR**  
Esse dinheiro, sim! Por que não?

**VARREDOR**  
Te amassam num minuto!

**VÍTOR**  
O banco é uma mentira! Ninguém mais tem medo do banco! Eu, o número 5.923.800,

levantei a minha mão contra o banco e estou vivo! *(O Varredor, apavorado, recua para a porta.)* Aonde você pensa que vai?

**VARREDOR**

Vou dizer que você ficou louco...

**VÍTOR**

*(Empurrando o dinheiro ao Varredor)* Vai pegar o teu dinheiro ou não vai?

**VARREDOR**

Eles vão ver de cara que você não regula...

**VÍTOR**

*(Empurrando o dinheiro da mesa para o chão, furioso, depois empurrando as gavetas com os pés)* Pensando bem, pensando bem, todo esse dinheiro que está aqui não vai dar nem pro teu caso particular. Nem pro teu insignificante caso particular. Somando a tua vida minuto por minuto, somando tudo, a gente ia ter que assaltar a tesouraria inteira...

**VARREDOR**

É, a tesouraria inteira.

**VÍTOR**

As barras de ouro que estão lá embaixo.

**VARREDOR**

As barras de ouro do banco!

**VÍTOR**

O banco inteiro!

**VARREDOR**

*(Ávido)* Caixa por caixa, cofre por cofre!

**VÍTOR**

E pensando bem, pensando bem, o que é que você vale? Que valor que você tem? Você não tem importância nenhuma! Você não vai trazer nada de novo, seu, pra mim, nem vai parecer com um Messias tirado de trás da porta. Substancialmente, você não vai modificar nada do que está acabado, consumado e imodificável! *(Vítor começa a juntar de novo o dinheiro do banco em cima da mesa.)* Quer saber uma coisa? Resolvi que nem os meus míseros oitenta mil, que eu te dei da minha própria carteira, nem esses você vai levar! *(O Varredor volta atrás, surpreso.)*

**VARREDOR**

Mas você... você não tinha acertado comigo?

**VÍTOR**

Tira todas as coisas e passa pra cá!

**VARREDOR**

Eu só estou te pedindo porque pra mim esse dinheiro já é sagrado... eu já acostumei com a idéia dele nas minhas contas, entende? *(Pausa. Se olham de frente.)* Me entende? Porra, pra mim é muito mais importante! *(Pausa. Os dois ficam de costas, Vítor de frente para a platéia, como verso e reverso um do outro.)*

**VÍTOR**

Estamos quites. Você e eu chegamos na estaca zero, onde você queria. Não te devo mais nada nem você me deve mais nada. Mas pode se lembrar de uma coisa: essa guerra continua e eu sinto um prazer enorme, fora do comum, em desempenhar por você a função tua que você recusou. *(Vítor grita o mais alto possível.)* Agora FORA! FORA DAQUI! FORA! FORA DAQUI!

*(Música frenética, estilo rock. O Varredor veste o paletó. Amarra grotescamente a gravata no pescoço. Corre para um canto, aterrado. Conta o dinheiro de Vítor, conferindo. Depois decide e toca a campainha do alarme. Depois foge pela platéia, gritando sobre os espectadores no interior do teatro, pedindo socorro.)*

**VARREDOR**

ASSALTO! ASSALTO!

ESTÃO ASSALTANDO O BANCO!

ASSALTO! ASSALTO!

É UM ASSALTO!

*(No palco, Vítor prossegue o ritual, despindo-se, chicoteando as paredes do banco com o cinto da calça, no estado máximo de sua loucura. Música crescendo sempre. Uma sirene começa a tocar, vinda do lado de fora do teatro, por onde saiu o Varredor. Efeito de metralhas, luz e som especiais, ruídos, e finalmente a queda, metade do corpo nu fora do palco. Blackout. Luz sobre Vítor, funcionário nº 5.923.800.)*

**FIM**